

PRAIA DE IRACEMA - UMA CORRIDA HISTÓRICA E VISUAL CONTRA O TEMPO¹

Diego Henrique Oliveira de Paiva²
Moema Mesquita da Silva Braga³
Faculdade 7 de Setembro

Resumo

Fortaleza, assim como as diversas metrópoles latino-americanas, está vivendo inúmeras problemáticas estruturais e sociais, fruto de um crescimento rápido e da falta de planejamento urbano. Nesse processo a cidade vai criando novos formatos e trazendo a tona diversos embates, dentre eles ceder ao “progresso” ou “parar no tempo”? Esta pesquisa nasce da inquietação em compreender a Fortaleza contemporânea e com base nisso propor novas representações visuais gráficas como uma forma de barrar a ação do tempo no espaço. Para criar essas novas representações, esta pesquisa partiu do bairro Praia de Iracema. A partir dos percursos dos pesquisadores foram criadas representações gráficas utilizando linhas, formas e padrões, no intuito de criar novas maneiras de representar as diversas áreas do bairro Praia de Iracema.

Palavras-chave

Representação Gráfica, Cidade, Praia de Iracema

Introdução

Segundo Harvey (2004) a contemporaneidade está marcada pela compressão do espaço-tempo. Em consequência disso, existe uma tendência ao descartável. “*Tudo o que é sólido tende a se desmanchar no ar*”. (Harvey, 2004, p. 258) Esse processo vivenciado pela humanidade não isenta prédios e edifícios, estruturas materializadas que situam as cidades na noção de espaço e de tempo. Em Fortaleza é comum intervenções que substituem estruturas antigas por outras mais novas e “funcionais”, bem como o abandono de prédios históricos que carregam a memória da cidade.

Na tentativa de “barrar” a ação do tempo no espaço, esta pesquisa percorreu inicialmente o bairro Praia de Iracema e realizou registros fotográficos que foram catalogados de acordo com a rua e a área que ocupa no bairro. Desses registros foram criados novas representações gráficas a fim que reinterpretar o espaço gerando assim novas formas de perceber a cidade de Fortaleza e o bairro Praia de Iracema.

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação/ DT 8 Estudos Interdisciplinares - XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor do Curso de Design Gráfico da Faculdade Sete de Setembro, Mestre em Design Gráfico e Projectos Editoriais, e-amil: diegopaivafa7@gmail.com

³ Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Sete de Setembro, Mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará, moemabraga@gmail.com

O tempo e o espaço da pesquisa

Para Harvey (2004) o espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana. Embora sejam categorias comuns, os sentidos atribuídos a elas podem variar a depender da cultura, da sociedade ou mesmo dos subgrupos. Para o autor a multiplicidade dos sentidos dados ao espaço e ao tempo só podem ser compreendidos, de forma objetiva (de acordo com a perspectiva dos estudos da física) a partir das práticas humanas. Assim, cada tipo de formação social gera conceitos e práticas diferentes do espaço e do tempo.

Pode-se dizer, por exemplo, que na cidade de Fortaleza coexistem diversos espaços e diversos tempos históricos. Cada habitante, em seu ciclo cotidiano, tende a vivenciar o espaço da cidade de forma diferente. A depender da idade, gênero, setor social, lugar de moradia, ocupação, enfim, das rotinas estabelecidas, a cidade de Fortaleza pode ser vivenciada de formas bem distintas. Essas diversas maneiras de praticar o espaço vão imprimindo ao mesmo formatos diferentes e todos os dias a cidade vai se moldando às rotinas estabelecidas no interior da malha urbana.

Santos (2009) reforça este pensamento através de um outro olhar. Para o autor a principal forma de relação entre o homem e o meio é dada pela técnica. As cidades nascem a partir da intervenção humana no espaço que cria objetos técnicos, matérias, concretos, prédios e formas diversas. Esses objetos são fruto da ação social do homem sobre o espaço. Dessa forma, os prédios e estruturas urbanas devem ser estudadas levando em conta as rotinas e relações sociais estabelecidas dentro daquela espacialidade.

Com base na compreensão de Harvey (2004) e Santos (2009), entende-se a cidade como uma intervenção no espaço e uma materialização de práticas sociais em determinado tempo. Nela convivem diversos tempos históricos, diversos discursos, tensões e segregações espaciais, sociais e econômicas.

Tendo em vista a visão desses dois autores, embora esta pesquisa esteja direcionada para a criação de novas representações das estruturas materiais do bairro Praia de Iracema, os diversos usos feitos de determinados espaços foram levados em consideração para a escolha das imagens e para a catalogação das mesmas.

Para Certeau (2008) existem duas formas de conceituar a cidade: a cidade enquanto

lugar⁴, ou seja, suas delimitações territoriais e suas materialidades, prédios e estruturas, e a cidade enquanto espaço, ou seja o lugar habitado por forças e vetores que se apropriam e dão sentido às materialidades.

O mais relevante dessa discussão é compreender que ambos conceitos - lugar e espaço - dentro do contexto urbano, estão completamente associados um ao outro. Tanto o lugar, as estruturas físicas tendem a intervir nas relações sociais, como as relações sociais, ou seja o espaço atribuem sentido a determinados lugares. Martin-Barbero complementa a reflexão de Certau da seguinte forma:

Do mesmo modo, diante dos funcionalismos arquitetônicos e estéticas racionalistas que vêem a cidade como sistema fechado, de partes nitidamente delimitadas e submetidas a um regime fixo, as pistas das fissuras faz possível des-cobrir outra visão e outra dinâmica, a dinâmica das flutuações e dos fluxos nas quais se geram outras ordens (Martin-Barbero, 2004, pag: 277)

Compreende-se que além das estruturas físicas, da divisão formal da cidade, existe uma outra cidade que é vivida a partir dos fluxos de seus habitantes que criam uma nova cartografia. Harvey (2004), para compreender melhor as intervenções sociais no espaço, elege três níveis de práticas espaciais, são elas: 1. Práticas espaciais materiais: referem-se aos fluxos cotidianos e interações físicos e materiais que ocorrem a ao longo do espaço, ou seja, é a forma que alguém utiliza e vive o espaço; 2. A interpretação do espaço: diz respeito a todos os signos e significações, códigos e conhecimentos que permitem falar sobre essas práticas materiais e compreendê-las, ou seja, é a maneira que alguém interpreta o espaço e atribui sentido a ele; 3. Espaços de representação: que são invenções mentais, que imaginam novos sentidos ou possibilidades para práticas espaciais, ou seja, é a imagem que alguém cria do espaço. Lefebvre apud Harvey (2004) caracteriza essas dimensões como: o vivido, o percebido e o imaginado. Esta pesquisa tem como principal foco criar espaços de representação do bairro Praia de Iracema. No entanto para criar essas novas representações do bairro é preciso, antes de tudo, compreender (mesmo que de forma superficial) as práticas espaciais e as significações desses espaço.

Estes níveis vivenciais do espaço proposto por Harvey(2004) assemelham-se a todos os processos visuais vivenciados pelo homem. Assim, direcionando o olhar para o campo de estudo das mensagens visuais percebe-se que a compreensão do espaço a nossa volta se

⁴ Para Certau lugar é uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade. (...) O espaço é o efeito produzido pela operações que o orientam e o circunstanciam o temporalizam. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada (Ceatau, 2008, p. 202)

dá através de um processo que envolve os sistemas psíquico e visual, também dividido em três etapas. Segundo Martins e Moraes (2002), primeiramente a mensagem visual é percebida pelo indivíduo através dos sub-sistema fisiológico (estímulo físico) e sub-sistema cognitivo (estímulo cognitivo). Na etapa seguinte, as informações recebidas são interpretadas com base no repertório de memórias e dados do indivíduo (experiência cognitiva). E por fim, é gerada a interpretação e o entendimento daquilo que inicialmente foi recebido do meio (visão; pensamento e/ou informação armazenada). Neste trabalho serão geradas novas interpretações do espaço como mais uma maneira de compreender a cidade de Fortaleza.

Harvey (2004) esclarece que durante muitos anos a teoria social teve como objeto central o progresso, ou seja, o estudo do tempo em detrimento do espaço. O espaço por muito tempo foi tratado como morto, fixo, imóvel e não dialético, e o tempo, por sua vez, era riqueza, fecundidade e vida. Já a teoria estética, ao contrário da primeira, direcionou seus estudos para compreender o espaço e para de alguma forma eternizar o tempo.

A teoria estética, por outro lado, procura regras que permitam a veiculação de verdades eternas e imutáveis em meio ao turbilhão do fluxo e da mudança (...) De fato, todo sistema de representação é uma espécie de espacialização que congela automaticamente o fluxo da experiência e, ao fazê-lo, destrói o que se esforça por representar. A escrita, diz Bourdieu (1977, 156), retira a prática e o discurso do fluxo do tempo. (Harvey, 2004, p. 191)

Este trabalho está intimamente relacionado aos estudos estéticos, pois por meio de representações gráficas do bairro Praia de Iracema, busca-se capturar o tempo e eternizar o espaço através das formas. Para compreender um pouco o bairro estudado nesta pesquisa, foi realizado um breve levantamento histórico da Praia de Iracema.

Algumas reflexões sobre a Fortaleza Contemporânea e o bairro Praia de Iracema.

Segundo Harvey (2004) estamos vivendo na pós-modernidade⁵ e os agrupamentos urbanos são os locais que mais encarnam as mudanças dessa época. Para o autor, o sistema de produção capitalista vem reduzindo cada vez mais o seu tempo de giro. Com uma maior velocidade os produtos são produzidos e colocados nas prateleiras acelerando o ritmo de

⁵ Para Harvey (2008) a pós-modernidade encarna a cultura da sociedade capitalista avançada. Faz parte de um conjunto de transformações culturais emergentes nas sociedades ocidentais, uma profunda mutação da sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas. (Harvey, 2008, p. 45)

consumo. Essa celeridade do capitalismo vem sendo mais percebida em duas vertentes: os produtos de moda que estimulam a troca constante e o mercado de serviços que buscam vender tempo e experiência. Essa nova atitude na forma de produzir vem acarretando mudanças profundas nas relações que os seres humanos estabelecem uns com os outros, com o espaço e com o tempo. Dentre essas mudanças destaca-se a tendência ao descarte.

Ela significa mais que jogar fora bens produzidos (criando um monumental problema sobre o que fazer com o lixo) significa ser capaz também de atirar fora valores, lugares, pessoas e modos adquiridos de agir e ser. (Harvey, 2004, p. 258)

A colocação de Harvey (2004) fica evidente ao pesquisar Fortaleza. Segundo Martin-Barbero (2004), desde a década de 70 várias cidades latino-americanas viveram esse processo de “inchaço” da malha urbana. Pessoas que viviam nas zonas rurais buscaram a cidade para fugir das secas e tentar melhor qualidade de vida. A chegada do homem do campo à cidade gerou um crescimento desordenado do espaço urbano criando metrópoles sem infra-estrutura necessária para acolher o número de pessoas que viviam nelas. Fortaleza vivenciou esse processo e hoje encontra-se com sérios problemas de ordenamento urbano. Esse fato faz com que o discurso da modernização e do progresso se instaure e junto a eles os tratores das empreiteiras que pensando, primeiramente no lucro, buscam “reconstruir” uma cidade nos motes da pós-modernidade. Nesse processo de constante alteração que Fortaleza vem vivendo, Martin-Barbero denomina de desterritorialização, ou seja, com a aceleração nos processo de mudanças, os moradores perdem referências de localização dentro do lugar que vivem.

Um momento de profunda mudança na cidade de Fortaleza aconteceu na década de 90. Bernal (2004) argumenta que a cidade recebeu um forte incentivo para se tornar um pólo turístico do Nordeste Brasileiro. Por ser uma cidade de praia, possuía muitos atrativos naturais, mas pouca infra-estrutura para atrair visitantes. A gestão governamental da época buscou investimentos externos e incentivou junto aos empresários locais, a construção de uma ampla rede de hotelaria, assim como iniciou uma série de obras de infra-estrutura e capacitação para o turismo no estado do Ceará e na cidade de Fortaleza. Esse forte investimento na época, transformou estruturalmente a orla da cidade e atraiu muitos turistas de outros estados e países. Junto a essa nova materialidade, surge uma outra paisagem da orla, assim como também marca uma época (tempo histórico) dentro deste espaço urbano.

O bairro Praia de Iracema, foi um dos bairros que sofreu o impacto desses

investimentos. Segundo Costa (2005), a formação urbana do bairro está associada às atividades portuárias. Até o início do século XX, quando Fortaleza começou sua expansão econômica com as atividades do algodão, o Porto da Prainha (como era denominada aquela região na época) foi ganhando novas proporções.

A ocupação urbana do bairro aconteceu apenas na década de 20. Segundo Porto Neto (2012) esta área foi ocupada pela elite econômica de Fortaleza. Com o crescimento do distrito industrial, os empresários saíram do Centro e do bairro Jacarecanga para ocupar a Praia do Peixe que oferecia condições interessantes para esses novos moradores. Foi apenas em 1925 que o lugar recebeu o nome Praia de Iracema e era constituída na época por ruas que foram denominadas de Rua dos Tremembés, Potiguaras, Cariris e dos Tabajaras. Aos poucos a Praia de Iracema foi tomando formas de um bairro residencial.

No final da década de 30, com a chegada dos militares norte americanos, que instalaram uma base militar em Fortaleza, a Praia de Iracema vivenciou outra rotina. Iniciou no bairro uma vida noturna mais agitada. Nessa época a cidade de Fortaleza também passava por um processo de crescimento com o êxodo rural e a Praia de Iracema, bairro de elite, passa a se abrir para outros frequentadores que utilizavam a orla como balneário e para momentos de lazer.

A popularização do bairro, a vida noturna efervescente, farras e prostituição passa a incomodar os antigos moradores que se mudam para a Aldeota ou Meireles. No final da segunda guerra mundial, o americanos também desocupam o local. O serviço público, por não haver mais pessoas da elite, também deixa de investir no local. Segundo Porto Neto (2012), desde então a Praia de Iracema passa a ser frequentada pela elite intelectual e boêmia da cidade.

Com o processo de aglomeração humana vivido por Fortaleza, a Praia de Iracema também sofreu consequências e por volta da década de 60 surgiram as favelas do Poço da Draga, do Lodinho e do Baixa Pau nas cercanias do bairro. Outras ocupações mais populares também passaram a viver no bairro. A Praia de Iracema, nessa época, começou a viver uma vida dupla. De dia era esvaziada e de noite vivia uma efervescência boêmia que vieram acompanhadas de atividades ilícitas como o tráfico de drogas e a prostituição.

Entre a década de 80 e 90 Fortaleza passou a ver vista como um local de potencial turístico. A partir da década de 90 a Praia de Iracema passou a ser enxergada novamente pelo governo. Desde então, o bairro recebeu investimento em infra-estrutura, como o tombamento do Estoril, o primeiro solar construído pelos moradores do bairro que deu

origem a um famoso restaurante que era amplamente frequentado pela boemia fortalezense. Na década de 90, com os investimentos e atrativos turísticos o bairro voltou a ser frequentado pela elite de Fortaleza, que dividia seu espaço com os turistas europeus que buscavam na Praia de Iracema um local de diversão e de facilidades para atividades ilícitas como a prostituição infantil.

Segundo Costa (2005), em 1995 a Câmara dos Vereadores aprovou uma lei para regulamentar a ocupação do bairro que foi dividido em três setores com normas de ocupação diferenciadas. Setor I: Engloba o Poço da Draga e seu entorno onde foi implantado o Centro Cultural Dragão do Mar. Por ser considerada área de revitalização permite que as construções ali existentes possam ser substituídas por edifícios de até 16 andares. Setor II: Área entre a Ponte dos Ingleses e a Igreja São Pedro, engloba as primeiras ruas do bairro. É considerada uma área de preservação. Setor III: Área de renovação urbana. Abrange as quadras ao norte da Avenida Historiador Raimundo Girão até a Rua Idelfonso Albano. Nessa região é incentivada a construção de hotelaria e uso habitacional.

Mesmo com o incentivo do governo para o turismo, a Praia de Iracema ainda sofre com abandono. A área histórica do bairro ainda vive um processo de degradação estrutural e continua entregue às atividades ilícitas como o tráfico e a prostituição. Nos últimos anos o bairro tem sido alvo de investimentos por parte das gestões públicas que vêm buscando resgatar a vida da Praia de Iracema.

Na tentativa de criar uma nova cartografia que consiga representar essa cidade com seus diversos tempos históricos é que desenvolve-se este trabalho de pesquisa e representação da Praia de Iracema. Essas representações seguirão o conceito de relação com o espaço que Harvey(2004) denominou de espaço imaginado, ou seja uma representação a partir das vivências e subjetividades dos pesquisadores.

Para facilitar metodologicamente esta pesquisa, as representações gráficas foram limitadas ao Setor II, a área de preservação. Pois mesmo sendo tombada, essa área está em constante transformação com as chegadas e partidas de visitantes, empreendedores e frequentadores desta zona do bairro.

Percursos Gráficos

Frente à inquietação em compreender e gerar espaços de representação de Fortaleza, esta pesquisa apoia-se nas afirmações e nas de Harvey (2008) e Martins e Moraes (2002) anteriormente apresentadas neste trabalho e direciona inicialmente um olhar sobre as

construções presentes no bairro Praia de Iracema. Com base na vivência e compreensão do bairro, busca-se reinterpretar graficamente formas e padrões presentes em suas edificações, para, por fim, desenvolver uma textura visual que possam registrar graficamente o tempo/espaço local e criar uma nova cartografia.

Dondis (2007) propõe que o ato de visualizar um determinado espaço inclui a capacidade de formar imagens mentais, que geram, a partir das imagens captadas, rotas que dão origem a mapas imaginário da cidade. Assim a relação estabelecida com a cidade está relacionada ao ato de percorrer caminhos que nos levam de um lugar a outro, de fazer escolhas verificando as pistas visuais e traçando mentalmente os percursos, antes até de iniciar a própria caminhada.

Com base na colocação de Dondis, primeiramente, os pesquisadores percorreram ruas do bairro em estudo e realizaram coleta de exemplares de edificações através de registro fotográfico de fachadas, janelas e portas, pisos, grades e padrões. Além de recorrer a anotações em diário de campo no intuito de apreender não só a informação fotográfica mas também geográfica do espaço analisado.



Figura 1: Amostra do registro fotográfico realizado.

Em seguida, foi desenvolvido o redesenho vetorial do material coletado. Como resultado desta etapa obtiveram-se novos elementos gráficos, chamados de agora em diante de bases. Cada uma dessas bases recebeu uma denominação composta pelo nome da rua e numeração da edificação de sua origem. Quando mais de uma base foi gerada a partir da

mesma edificação, acrescentou-se uma letra ao fim de cada nomenclatura para conseguir a diferenciação destas bases sem que as mesmas perdessem a identificação geográfica.



Figura 2: Bases obtidas por meio de desenho vetorial e suas respectivas identificações.

Dondis (2007) aponta que uma obra visual é composta por vários elementos visuais. São eles o ponto, a linha, a forma, a direção, o tom, a cor, a textura, a dimensão, a escala e o movimento. Afirma ainda que “a estrutura da obra visual é a força que determina quais elementos visuais estão presentes, e com qual ênfase essa presença ocorre.” (Dondis, 2007, p. 51) Ancorando-se nesta ideia, e partindo da observação das bases conseguidas é possível perceber a recorrência de três elementos visuais: o ponto, a linha e o plano.

Lupton (2008) complementa as ideias de Dondis (2007) ao afirmar que o ponto, a linha e o plano são o alicerce para uma peça gráfica. A partir destes três elementos os comunicadores visuais estão munidos de inúmeras possibilidades de criação. “Partindo desses elementos, os designers criam imagens, ícones, texturas, padrões diagramas, animações e sistemas tipográficos.” (Lupton, 2008, p. 13)

O ponto é entendido como a unidade visual mínima, o indicador de espaço, um ponto de referência. Dondis (2007) esclarece que o ponto é a unidade de comunicação visual mais simples. Mesmo que de proporções diminutas, o ponto possui grande capacidade de atração visual sobre o olho. Lupton (2008) articula que o ponto é a marcação do encontro de linhas. O ponto não tem necessariamente uma forma física ou tamanho definidos. Pode ser circular, estrelado, obtuso ou quadrado, por exemplo. Uma marcação

gráfica é considerada um ponto quando suas dimensões são diminutas ao serem comparadas ao substrato em que está inserida. Logo, o conceito de ponto é relativo.

É preciso compreender o conceito de ponto para apresentar a ideia de linha. Conforme Dondis (2007), “quando os pontos estão tão próximos entre si que se torna impossível identificá-los individualmente, aumenta a sensação de direção, e a cadeia de pontos se transforma em outro elemento visual distintivo: a linha.” (p. 55) Por ser um conjunto de pontos, uma linha para ser entendida como tal não necessita continuidade, podendo apresentar interrupções em sua constituição. Uma linha pode ser considerada até mesmo um ponto em movimento ou a história do movimento de um ponto. Lupton (2008) contribui com as afirmações de Dondis (2007) ao defender que uma série de pontos constituem uma linha. Uma massa desordenada de pontos pode resultar em outros elementos gráficos como o plano ou a textura. É preciso atentar que para compor uma linha, estes pontos precisam ser semelhantes e apresentar-se em sequência. Uma linha apesar de ser fluida, não é vaga. Ela também pode ser rigorosa e técnica. A linha “(...) captura a informação visual e a reduz a um estado em que toda informação visual supérflua é eliminada, e apenas o essencial permanece.” (Dondis, 2007, p. 56)

Frutiger (2007) infere que “na criação de formas gráficas bidimensionais, a linha representa o meio expressivo mais simples e puro e, ao mesmo tempo, também o mais dinâmico e versátil.” (p. 55) Este argumento vai ao encontro das ideias de Dondis (2007) que afirma que a linha é articuladora da forma, seja na estrutura fluida de um esboço ou na composição rígida de um traçado de caráter técnico.

Diferentemente do ponto que não possui necessariamente dimensões, tampouco forma estabelecida, de acordo com Frutiger (2007) a linha “é compreendida como um movimento traçado longitudinalmente, quando sua espessura não ultrapassa determinada proporção em relação ao comprimento.” (p. 56) Partindo desta consideração, afirma-se que assim como o ponto, a linha também é um conceito relativo. Pois, no caso desta, necessita ter médias de comprimento comparadas às de largura para ser considerada como tal. Caso o comprimento de uma linha não seja consideravelmente maior que sua largura, este elemento visual acaba por resultar em outro: o plano. Lupton (2008) concorda com esta ideia quando propõe que “quando uma linha atinge certa espessura, torna-se um plano.” (p. 16)

Da mesma maneira que um ponto em movimento pode descrever uma linha, uma linha em movimento resulta em um sólido. Para Lupton (2008) a linha é responsável por delimitar os limites de um objeto e está onde dois planos se encontram. “Uma linha fecha-

se para tornar-se uma forma, um plano delimitado.” (Lupton, 2007, p. 18) A autora compreende o conceito de plano de vários modos.

Dondis (2007) apresenta que formas complexas, tanto as presentes na natureza, com as que existem somente na imaginação humana, podem ser conseguidas através da combinação de três formas geométricas simples: o quadrado, o triângulo e o círculo.

Com as bases desenvolvidas fundamentadas na teoria acima apresentada, a pesquisa avança para a fase de reinterpretação visual destas mesmas bases, transformando-as em padrões de texturas. Cada uma, representativa de um trecho do bairro Praia de Iracema e por consequência, parte representativa da cidade de Fortaleza.



Figura 3: Texturas geradas a partir das bases desenvolvidas

Lupton (2008) esclarece que as texturas e os padrões surgem a partir do agrupamento de pontos e linhas, e por consequência geram planos, que se repetem, se revezam e interagem na produção de imagens atraentes. A autora estende-se ao esclarecer que inerente à ideia de padrão, está a repetição que pode ser conseguida por meio mecânico, através de cálculos algorítmicos ou através ritmo físico da ferramenta de um artesão sobre uma superfície. Texturas podem ser compostas também por ilustrações, fotografias, diagramas e tipografia, porém estes não são objetos de análise desse estudo.

Dondis (2007) afirma que as texturas podem ser percebidas por dois sentidos: o tato e a visão. Havendo texturas que impactam ambos ou somente um por vez, sendo possível uma textura apresentar somente características visuais, por exemplo. Nesta pesquisa, os recortes feitos ao longo da cidade perdem esta característica sinestésica e após reinterpretação gráfica passam a ser somente impacto visual.

“A maior parte da nossa experiência com a textura é ótica, não tátil.” (Dondis, 2007, p. 71) Somos induzidos e educados socialmente a reprimir o sentido do tato. Em Fortaleza, por não haver um sentimento de posse ou reconhecimento da cidade, até mesmo o sentido da visão está se perdendo. As pessoas veem mas não enxergam o que está em volta. Aguçando padrões e texturas, a presente pesquisa intenta chamar atenção das pessoas para características da cidade.

Durante a coleta de material para a realização destes experimentos foi possível verificar a diversidade de formas e estilos aplicados às construções. Alguns fazem referência a períodos históricos, já outros existem sem uma aparente referência histórica e outros com ornamentos que foram moda em um determinado período. De certa forma, todos cumprem com o objetivo que vai além de proteger ou delimitar o local, que é de gerar uma diferenciação, uma identificação do espaço/tempo da construção.

A evolução criativa do ornamento atravessa toda a história da humanidade. Maneiras compartilhadas de gerar padronagens podem ser encontradas em diversas culturas ao redor do planeta. Princípios universais fundam uma diversidade de estilos e ícones que dialogam com tradições e tempos particulares. (Lupton, 2008, p. 185)

Ao gerar texturas e padrões, esta pesquisa consegue não só criar novas estampas e texturas, mas consegue também entender a relação do indivíduo com o meio. Ao debruçar-se sobre formas como as encontradas em cobogós e janelas descobre-se que são peças do traçado arquitetônico que ligam o espaço da cidade à propriedade particular, mostrando que

a conexão ali existente faz com que o espaço privado não se isole por completo do público, sendo portanto parte dele. Ao direcionar atenção a detalhes de portas e grades, é possível perceber que são elementos que marcam espaços de transição entre o ser enquanto indivíduo (âmbito particular) e enquanto ser coletivo (âmbito urbano). É possível perceber também a noção de segurança ou a falta dela, sentida pelo indivíduo que acaba transformando a imagem da cidade ao pontuá-la com portões. Quando a pesquisa gera texturas e imagens a partir de pisos e ornamentos presentes em calçadas e muros, percebe ali a intenção de diferenciação do ambiente em relação ao próximo e de identificação daquele espaço dentro do todo que é o bairro e a cidade.

Cada padrão, cada textura, cada ornamento encontrado pela rua da cidade parece querer contar um pouco da história vivenciada por aquele local em um determinado período ou mostrar no que se difere do outro. Lupton (2008) afirma que os padrões gráficos são gerados e mudados dentro das culturas ao longo dos anos, sendo transmitidos de um local para o outro pelo comércio e pela constante busca humana por variedade.

Considerações finais

Por meio da intervenção aqui proposta, acredita-se ser possível incentivar um reconhecimento de Fortaleza, e compreender os diversos espaços e tempos que a Praia de Iracema vivencia. Através da identificação visual do bairro é possível gerar um alfabetismo visual e por meio deste tentar reduzir ou mesmo “barrar” a ação do tempo no espaço pesquisado. Dondis (2007) propõe que o alfabetismo visual pode ser alcançado tomando como referência não somente técnicas de produção e treinamento artística, não só na psicologia e na fisiologia, mas também em lugares. A partir daí, afirma-se que este alfabetismo pode ser construído a partir de informações vindas de diversos meios, inclusive a cidade que nos cerca.

Acredita-se que a partir do momento que um indivíduo observa, conhece e entende o espaço em que habita, ele passa a interpretá-lo e a utilizá-lo como referência no processo de desenvolvimento de uma identidade, culminando num sentido de apropriação.

Esta pesquisa não encerra-se em si mesma. É capaz de desdobrar-se para tópicos mais abrangentes. É possível ampliar o estudo para outros bairros da cidade de Fortaleza, gerando uma cartografia visual e perceber as relações de comunicação com o espaço que o indivíduo assume, seja como morador, trabalhador, transeunte ou visitante. É possível também, enquanto estudo gráfico, avançar para o entendimento de outros princípios da comunicação visual aplicados, como o uso cor e suas percepções na criação de novos padrões e texturas. Como também é justificável o avanço desta pesquisa para o campo do design de superfície, através da aplicação das imagens geradas em objetos das mais variadas funções ou para o campo da arquitetura e seus estudos a respeito de urbanismo.

Bibliografia

- ALMADA, Z. **Fortaleza Inesquecível**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.
- BERNAL, C. **A Metrópole Emergente – A Ação do Capital Imobiliário na Estruturação Urbana de Fortaleza**. Fortaleza: Editora UFC, 2004.
- CERTEAU, M. **A invenção do Cotidiano – Artes de Fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- COSTA, Sabrina Studart Fontenele. Praia de Iracema e a Revitalização do seu Patrimônio Histórico. IN: Revista do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Fausp, 2005, Disponível em: www.revistas.usp.br/posfau
- DONDIS, D. A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FRUTIGER, A. **Sinais e Símbolos – Desenho Projeto e Significado**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Editora Loyola, 2004.
- LUPTON, E; PHILLIPS, J. **Novos Fundamentos do Design Gráfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- MARTIN-BARBERO, J. **Ofício de Cartógrafo – Travessias Latino Americanas da Comunicação na Cultura**. São Paulo: Editora Loyola, 2004.
- MARTINS, L. M; MORAES, A. **Ergonomia Informacional: Algumas Considerações Sobre o Sistema Homem-mensagem Visual**. In: Gestão da Informação na competitividade das organizações. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002 v.1 p. 165-181.
- PORTO NETO, Hugo Frota Magalhães. **Patrimônio Histórico e Cultural e a Criminalidade na Praia de Iracema – O Impacto das Intervenções e Ocupações dos Espaços Públicos no Cotidiano e no Sentimento do Bairro** In: ESPM Publicações. Edição 001/2012, Disponível em: <<http://www.mpce.mp.br/esmp/>>
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: EDUSP, 2009.